

Na dúvida,  
é melhor  
não mentir

Luiz Gustavo de Sá

**Editora Penalux**  
*Guaratinguetá, 2023*

# 1.

É comum ficarmos frente a frente com nossos fantasmas quando acordamos no meio da noite. De pronto, não pude estimar por quanto tempo fiquei cochilando, e achei que aquilo também fazia parte de algum sonho.

Busquei distração naqueles filmes que nunca veria normalmente, depois de perceber que não conseguiria mais dormir. Uma jovem inquieta se mantinha em pé, eventualmente circulava pelo corredor, talvez estivesse ansiosa para fumar. Uma criança de colo chorava, ainda bem que eu não estava muito próximo. Uma idosa passou boa parte da viagem rezando o terço, enquanto seu marido roncava de maneira descompassada. As pessoas agem de diversas formas enquanto voam. E pensar que tem gente que consegue até transar em banheiros de avião.

Arrependi-me de não ter tomado uma dose maior do remédio para dormir. Instintivamente, costumo frear o avião pressionando os pés no assoalho no momento da aterrissagem. Dará tudo certo, procurei ser otimista enquanto acontecia o estacionamento.

Estava com medo de ser barrado pela imigração. Tenho o perfil de um imigrante ilegal. Solteiro, sem emprego fixo, 45 anos, sem qualquer referência, além da reserva num hotel modesto e um passaporte quase intacto, apenas com um carimbo da *Dirección de Migraciones* peruana. Estava nervoso e não consegui rir quando o funcionário da imigração, depois de carimbar o passaporte, perguntou-me por que eu não trouxe nenhuma brasileira bonita comigo.

*Lisbon revisited.* Seria providencial distanciar-me de Beatriz naquele momento, mas a verdade é que eu não queria nem podia estar ali.

O crepúsculo avançava com rapidez. Eram oito da noite e uma luz esmaecida tingia as azaleias das praças com um tom melancólico. Notei que a cidade ia ficando mais movimentada à medida que o táxi avançava para sua região central, o que julguei pertinente. Estava ansioso, queria ficar em silêncio, apenas prestando atenção no trajeto, nos transeuntes, na arquitetura do casario, naquelas primeiras amostras de cidade que sempre nos paralisam, e a conversa do motorista me incomodava demais. Durante toda a corrida, relatou em minúcias as desgraças presenciadas num telejornal de uma emissora brasileira que transmite notícias para Portugal. Confidenciou que o último lugar que visitaria na face da Terra seria o Rio de Janeiro.

Cheguei ao hotel, enfim, depois de ser descaradamente roubado pelo chofer de táxi. O responsável pela portaria do hotel, após preencher minha ficha, alertou-me sobre motoristas desonestos que atuam no aeroporto de Lisboa. Tarde demais.

Eu não podia perder muito tempo. Era um hotel muito simples localizado próximo ao centro de Lisboa. O quarto era bem antigo, com aquele cheiro de mofo de carpetes sujos e gastos, o que seria o fim para alguém sensível a fungos como Beatriz. Papel de parede desbotado e de mau gosto, cortinas púrpuras puídas e móveis ordinários lhe conferiam um aspecto sombrio e vulgar. Ao menos tinha uma velha televisão, água morna e travesseiros macios, não muito altos. Quartos assim aumentam a sensação de solidão, o que me fez acomodar meus pertences de qualquer maneira e descer imediatamente.

Com frequência, a imagem de Beatriz no bistrô do museu invadia meus pensamentos. Havia tomado a decisão insustentável de desligar-me de tudo aquilo durante aquela viagem de trabalho.

“O senhor deu sorte, hoje é dia da marcha de Santo Antônio.”

Em meio aos meus problemas, alguns imaginários, outros crônicos, perguntei:

“Isso é algum tipo de procissão?”

“Não, a marcha é uma espécie de desfile. É uma grande festa a se estender por toda a noite”, respondeu o simpático responsável pela portaria do hotel.

Saí apressado sem entrar em maiores detalhes. Pouco me importava. Eu tinha pressa, uma pressa inexplicável, e fui procurar um restaurante mais econômico.

A urgência precede a existência.

A única vez que estive ali foi na infância. Fui visitar minha avó, já muito velha e enferma, em Alfama, bairro onde minha mãe foi criada. Meu pai me levou para um passeio pelo Castelo de São Jorge a fim de retirar-me por algum tempo daquele ambiente grave, tão pouco apropriado para uma criança. Foi a primeira vez que andei por um castelo autêntico, daqueles de livros de contos de fadas, esperando que São Jorge fosse nos recepcionar numa daquelas torres, ainda cansado por ter que enfrentar tantos dragões. Meu pai sempre foi um sujeito austero e sério, ao contrário da minha mãe. Naquele dia mostrava-se doce e amigável, e tentou me convencer que um sujeito barbudo de terno era São Jorge disfarçado. Ele não contava com a minha indiscrição infantil e, num descuido, fui até o homem e perguntei se ele era mesmo o santo. Ele, ao que pareceu, ficou irritado com a pergunta.

“São Jorge é o teu pai, menino.”

Passsei a olhar desconfiado para o meu pai nos dias seguintes, sem coragem de tirar a limpo aquela história. Fui percebendo, com o tempo, que as pessoas mentem demais. Mentem por nada. Adiante entendi que existem verdades diferentes e mentiras descaradas.

Aquela viagem me colocou em contato pela primeira vez com a morte de uma pessoa. Lembro-me nitidamente do velório da minha avó, o que me deixou muito impressionado.

Prosegui com rapidez, quase correndo. Estava cansado e faminto. Notei os caminhões para suporte a transmissões televisivas, a aglomeração do povo ao longo da avenida. Só pretendia descobrir um restaurante barato, a despeito de toda

aquela festa. Queria acabar com aquilo o mais rápido possível e ganhei uma das ruas perpendiculares à avenida. De passagem, um sujeito mal-encarado me ofereceu algo descrito vagamente como haxixe. Fingi que não era comigo. Por conta daquele feriado, parecia que tudo estava fechado por ali. Para mim, era a hora do jantar, não importava o fuso horário. Devia esquecer que existem fusos horários. Não há estações, nem hemisférios, nem meridianos, nem paralelos.

Depois de andar muito, notei uma região com alguns restaurantes abertos, a clientela formada especialmente por turistas gringos. O funcionário de um deles me abordou e ofereceu seus préstimos, mostrando-me um cardápio fartamente ilustrado com os pratos disponíveis. Sem querer muita conversa, me sentei na primeira mesa vaga ao ar livre. A noite não estava fria. Um vento úmido e fresco soprava. Uma noite bem agradável de primavera, com os primeiros acordes do verão. Para não perder tempo, pedi logo uma água com gás e um bacalhau assado com batatas coradas.

Dizem que o bacalhau está ameaçado de extinção por causa de seu consumo excessivo.

## 2.

Junho de 2004. Beatriz me esperava conforme combinamos. Escolheu o bistrô do Museu de Arte Contemporânea de Niterói, pois era um ambiente tranquilo; seria constrangedor se nos exaltássemos. Ambiente perfeito, precauções inúteis. Ela pediu uma garrafa de água mineral com gás, como a ocasião exigia. Segui seu exemplo, iria segui-la até onde me deixasse.

“Você parece mais calmo hoje.”

“Ontem não me senti bem”, expliquei.

“Anda tomando aqueles remédios para dormir ainda?”

“Não posso evitar.”

“Claro que pode, basta querer.”

Devo admitir: ela falava assim agora por pura compaixão, da mesma forma quando me fez entender que era o fim. Sorria dissimulada, triste é claro. Levantou os óculos e esfregou um pouco o canto do olho. A que ponto tudo chegou agora, minha sensata companheira? Ficamos calados, um esperando o outro continuar.

“Ainda estou um pouco confuso”, eu disse, enfim, vacilante.

“Pode falar”, já pronta desde sempre.

Ela estava disposta a ouvir-me primeiro e espalmou as mãos na mesa num gesto de impaciência. Não sei o porquê, mas pensei em como as pessoas podem se anular, voluntária ou involuntariamente. Só não tenho certeza, no nosso caso, quem começou primeiro. E, muito nervoso, fui imprudente, o que não fazia a menor diferença:

“O que será da gente no futuro?”, sem qualquer nexos fui adiante, apenas para constar nos autos.

Ela balançou a cabeça de uma maneira que não consegui decifrar e sorriu. Suas respostas eram muitas vezes aqueles sorrisos e gestos repletos de decisão e ironia.

“E o João, já sabe?”, descobri a pergunta de repente, no meio da completa falta de norte que se seguiu.

“Já sabe? Como assim?”

“Você contou pra ele?”

“Que diferença isso faz, Galego? Conte sim, por quê?”

Ela me chamou de volta à razão. Desviei o olhar. Beatriz se mantinha serena e determinada, já havia sofrido o bastante.

Não sei por que tomei aquele rumo. Reconheço que senti ciúmes quando conheci o João. Pouco depois, senti um alívio enorme. Na verdade, havia pensado somente no bom termo prático, na tola solução, na minha segurança emocional. E, sempre no limite, deixei escapar:

“Ainda estou muito confuso.”

Esperava uma reação irritada, mas ela pareceu paciente.

“Eu acho que posso te entender, Galego, mas antes quero deixar tudo bem claro, pela última vez.”



Beatriz reafirmou, então, que nosso filho iria nascer. Ou melhor, a decisão já estava tomada desde sempre, antes que eu reiniciasse o assunto. Sempre fui bem claro: não queria aquilo, não queria ir adiante. Ter um filho, alguém que dependesse de mim, em quem eu me reconheceria, sempre esteve fora de qualquer cogitação. Sempre deixei explícito que desejava que toda liberdade ao redor estivesse ao alcance, mesmo sendo impossível, mesmo com a insegurança e a fragilidade que são os preços a pagar. Para mim, amar jamais significou uma vida em comum, ou mesmo criar quaisquer tipos de laços definitivos. Comecei a afastar-me de Beatriz quando notei que ela atravessava a linha que eu havia demarcado. Achava que ela o fazia por ingenuidade, ou para testar os meus limites, ou por faltar-lhe amor-próprio, e eu não me importava tanto, como se tudo só dependesse de mim. Mais tarde, vi que estava enganado, mas isso é assunto para o final.

No meio de sentimentos confusos, experimentei uma ponta de orgulho naquele momento do bistrô. Odeio vitimizações, e eu estava próximo a seguir por esse caminho. Por isso não fui adiante quando ela prosseguiu:

“Coloque um pouco de bom senso na sua cabeça, Galego. Estou no sexto mês de gravidez, ainda não percebeu? Não entendo direito o que você ainda quer conversar comigo. Mas, seja o que for, espero que você tenha um mínimo de bom senso.”

Ela ainda aproveitou para reafirmar que eu não precisava assumir o filho financeiramente, enquanto eu não conseguia me mover. Detalhes práticos. A mesma praticidade que

# LIVROS ILUMINAM

---

Este livro foi composto em Utopia Std  
pela Editora Penalux e impresso em papel  
off-white 80 g/m<sup>2</sup>, em maio de 2023.

---